



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

## **Abordagens sobre o Preconceito Linguístico na Produção Acadêmica: uma revisão sistemática de literatura**

### **Approaches on Linguistic Prejudice in Academic Production: a systematic literature review**

### **Alproksimiĝo al Lingva Prekoncepto en Akademia Produktado: sistema literatura revizio**

Juliana Moratto<sup>64</sup>

#### **Resumo**

Dentre os assuntos mais abordados em linguística, um deles merece especial atenção pela sua presença constante na rotina escolar, no inconsciente popular e na fala dos brasileiros. Este artigo contempla informações sobre as produções acadêmicas mais relevantes dos últimos dez anos sobre o tema do preconceito linguístico. As discussões acerca do objeto circulam mais rotineiramente entre os professores de Língua Portuguesa, ainda assim podem estar presente no discurso de outros profissionais da educação pelo fato de atingir diretamente a linguagem e o ensino de línguas. Ademais, muitos concordam que os debates são extremamente necessários para conhecer as consequências negativas propostas pela prática e da rotulação, e propor estratégias de embate no intuito de amenizar os problemas já existentes. Para levantar os dados que comporão o *corpus* deste, fez-se uso da estratégia de revisão sistemática de literatura proposta por Kitchenham (2004). Como subsídio teórico destacam-se os conceitos de preconceito adotado por Allport (1971), de preconceito linguístico proposto por Bagno (2007) e de normas amparados por Faraco (2002). O levantamento visa detalhar as produções acadêmicas do Banco de Dados da Capes de Teses e Dissertações e do Banco de Dados de Artigos e Periódicos e apresentar uma visão ampla de como a academia brasileira está conduzindo as discussões. Os resultados caminham para um número reduzido de produções, onde a maioria enfoca questões relativas ao campo educacional.

**Palavras-chave:** Preconceito linguístico. Sociolinguística. Crenças e atitudes.

#### **Abstract**

If one takes into consideration the most discussed topics in linguistics, there is one that deserves special attention for its constant presence in the school routine, in the unconscious biases and in the speech of Brazilians, which is the linguistic prejudice. This article includes information about the most relevant academic production over the

---

<sup>64</sup> Docente de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no IFPR Campus Ivaiporã. Mestre em Ensino (PPGEN/UENP). Doutoranda em Estudos da Linguagem (PPGEL/UEL).



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

past ten years on this topic. Discussions about it are routinely held among Portuguese language teachers, yet they can be present in the discourse of other education professionals because linguistic prejudice directly affects language and language teaching. In addition, many agree that debates are extremely necessary to find out the negative consequences of such practice and also of labeling, and to propose coping strategies in order to mitigate the problems that already exist. In order to collect the data that will make up the corpus, the systematic literature review proposed by Kitchenham (2004) has been used. As theoretical support, the concepts of prejudice adopted by Allport (1971), linguistic prejudice proposed by Bagno (2007) and norms supported by Faraco (2002) stand out. This research aims to detail the academic productions indexed in the CAPES Database, as well as findings in other banks of theses and dissertations, in order to present a broad view of how the Brazilian academy is leading the discussions. The results move towards a reduced number of productions, mostly on issues related to the educational field.

**Keywords:** Linguistic prejudice. Sociolinguistics. Beliefs and attitudes.

### Resumo

Inter la plej diskutitaj temoj en lingvistiko, unu el ĝi meritas specialan atenton pro sia konstanta ĉeesto en la lerneja rutino, en la populara senkonscio kaj en la parolado de brazilanoj. Ĉi tiu artikolo inkluzivas informojn pri la plej gravaj akademiaj produktaĵoj de la pasintaj dek jaroj pri la temo de lingva antaŭjuĝo. Diskutoj pri la objekto pli rutine cirkulas inter portugalaj instruistoj, tamen ĝi povas ĉeesti en la diskurso de aliaj edukaj profesiuloj, ĉar ili rekte influas lingvon kaj lingvan instruadon. Krome multaj konsentas, ke la debatoj ege necesas por koni la negativajn konsekvencojn proponitajn de la praktiko kaj la etikado, kaj proponi batalajn strategiojn por mildigi la jam ekzistantajn problemojn. Por kolekti la datumojn, kiuj kunmetos la korpuson, oni uzis la strategion de sistema literatura revizio proponita de Kitchenham (2004). Kiel teoria subteno, elstaras la konceptoj de antaŭjuĝo adoptitaj de Allport (1971), lingva antaŭjuĝo proponita de Bagno (2007) kaj normoj subtenataj de Faraco (2002). La enketo celas detaligi la akademiajn produktadojn de la Datumbazo Capes pri Tezoj kaj Disertacioj kaj Artikoloj kaj Tezoj kaj prezenti larĝan vidpunkton pri kiel la brazila akademio gvidas la diskutojn. La rezultoj direktiĝas al reduktita nombro da produktadoj, kie plej multaj temas pri aferoj rilataj al la eduka kampo.

**Ŝlosilvortoj:** Lingva antaŭjuĝo. Sociolingvistiko. Kredo kaj sintenoj.

### Introdução

Existem muitas variedades linguísticas das quais o brasileiro tem contato no seu cotidiano, seja por meio físico, tecnológico, escolar, familiar, entre outros. Num país tão extenso como este, onde a população está formada por uma miscigenação diversa e se vive num mosaico de culturas, a comunicação passa por rigorosos julgamentos permitindo que a linguagem se torne alvo fácil de preconceitos.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

O preconceito linguístico existe há tempos, na extensão toda do país. Por um período não foi notado, mas hoje a Sociolinguística aborda o tema com bastante cuidado. Sua constância geralmente parte de críticos, cultos ou não, falantes da própria língua e se faz presente em diversas situações sociais. Atitudes preconceituosas podem ser encontradas na escola, na família, as redes sociais e também em círculos sociais onde conhecedores de normas tidas como privilegiadas expressam o seu descontentamento com a informalidade do uso da linguagem desprivilegiada em determinadas ocasiões.

Contudo, pode existir o preconceito entre falantes de normas desprestigiadas, autopreconceito e o desconhecimento das “regras normativas” da linguagem. A prática preconceituosa pode levar a consequências negativas tanto pessoais para os que são atacados, como sociais levando à reprodução automática do pensamento estereotipado. Alguns estudiosos nos convidam a combater o preconceito linguístico, mas como a academia está se posicionando frente a este chamado?

Diante destes fatos, alguns questionamentos motivaram a elaboração deste estudo, são eles: Quais são as contribuições acadêmicas sobre o tema preconceito linguístico nos últimos dez anos? O que se produziu de conteúdo científico sobre o assunto que tenha certa relevância social? Qual abordagem foi utilizada nestes trabalhos?

Desse modo, considerando a importância do tema e a necessidade de discussão, o artigo pretende conhecer os trabalhos mais relevantes sobre o tema do preconceito linguístico e verificar o tratamento dado aos casos sob o viés da pesquisa acadêmica.

Para o levantamento e análise dos dados obtidos, será utilizado o modelo de revisão sistemática de literatura proposto por Kitchenham (2004) que consiste em três passos básicos pré-definidos: (i) identificação e planejamento das questões norteadoras da pesquisa; (ii) seleção dos trabalhos publicados e (iii) síntese dos resultados encontrados. A busca por resultados de teses, dissertações e artigos, será feita a partir dos bancos de dados da CAPES.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Espera-se traçar um panorama sobre a abordagem acadêmica relativa ao tema e que, as análises, apoiem pesquisas futuras no intuito de desconstruir o preconceito inculcado no pensamento do brasileiro.

### Referencial Teórico

São muitas as abordagens possíveis sobre o tema desta revisão de literatura. Atualmente fala-se muito em preconceitos, inclusive o linguístico. Percebe-se que, muitas vezes, este tipo de preconceito é mencionado sem conhecimento de algum conceito norteador.

Para fundamentar o entendimento do objeto é necessário definir parâmetros na composição do planejamento das questões norteadoras, como orientação para a pesquisa que estrutura o estado da arte. Conceitos de preconceito, preconceito linguístico, norma culta e padrão são relevantes no entendimento do propósito a ser alcançado.

Allport (1971, p. 21), respeitável psicólogo americano, trata do conceito de preconceito de forma simples e direta. Ele afirmou em seu livro, “La naturaleza del prejuicio”, que o ato de pensar mal de outras pessoas carrega em si os componentes necessários para um conceito abrangente, pois referencia o injustificável da razão e do afetivo ao mesmo tempo.

Quizá la definición más breve que puede darse del prejuicio es la siguiente: *pensar mal de otras personas sin motivo suficiente*. Esta escueta frase contiene los dos ingredientes de todas las definiciones: hace referencia a lo infundado del juicio y al afectivo<sup>65</sup>. (grifos do autor)

De modo geral, pensar mal de outras pessoas sem motivo aparente caracteriza uma ideia preconceituosa. Aquele que manifesta seu preconceito não inclui no seu próprio pensamento preconceituoso, pois essa é a manifestação que sugere o outro. Além disso, estamos frente a uma reflexão imposta pelo autor sobre os ingredientes que compõem a definição de preconceito, mas de todas as definições: qual referência é

---

<sup>65</sup> Talvez a definição mais curta que possa ser dada de preconceito seja a seguinte: pensar mal de outras pessoas sem razão suficiente. Esta frase concisa contém os dois ingredientes de todas as definições: refere-se ao infundado do julgamento e ao afetivo.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

utilizada para fundamentar o julgamento e o envolvimento afetivo alusivo ao pensamento. Nesta citação há indícios da expressão do pensamento num campo vasto de atitudes que, movidas por julgos errôneos, ultrapassam a razão e apelam para o campo afetivo, e se manifestam na exposição desses pensamentos, atacando “o outro” de forma violenta, explícita e gratuita. Esclarece, ainda, que a conduta é mista, podendo variar entre o medo e a aversão, a hostilidade e o desprezo, a discriminação e a violência, “[...] incluye sentimientos de desprecio o desagrado, de miedo y de aversión, así como várias formas de conducta hostil, tales como hablar de ciertas personas, practicar algún tipo de discriminación contra ellas o atacarlas con violencia”<sup>66</sup> (ALLPORT, 1971, p. 21).

Dando continuidade na busca pelo entendimento teórico, buscamos apoio em López Morales para esclarecer o que são as crenças e atitudes estudadas pela Sociolinguística, pois é a partir delas que o preconceito se manifesta. O autor declara que a atitude é definida pela peculiaridade comportamental, por condutas que podem ser positivas ou negativas, enquanto que as crenças, por sua vez, são formadas por elementos cognitivos e/ou afetivos. Assim, tomam as crenças por um fator determinante da atitude, seja por constituí-la, como defendem os psicólogos sociais, seja por conterem a própria atitude, como afirma López Morales (1993).

Atitudes preconceituosas revelam comportamentos conduzidos por suas crenças, ingenuidades ou desconhecimento sobre algo, e uma falta de empatia que leva ao desrespeito com o outro. Allport acrescenta afirmando que:

Una actitud hostil o prevenida hacia una persona que pertenece a un grupo, simplemente porque pertenece a ese grupo, suponiéndose por lo tanto que pose ellas cualidades objetables atribuidas al grupo (1971, p. 22)

Pensar em preconceito linguístico remete às práticas de atitudes linguísticas adotadas por indivíduos que acreditam possuir características que lhes qualifiquem para endossar sua práxis. A linguagem apresenta um perigo iminente: a generalização, partir

---

<sup>66</sup> “[...] inclui sentimentos de desprezo ou desprazer, medo e aversão, bem como várias formas de comportamento hostil, como falar sobre certas pessoas, praticar algum tipo de discriminação contra elas ou atacá-las com violência”.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

do todo para apontar justificativas infundadas. Sugere-se muito cuidado ao generalizar, estereotipar, rotular, depreciar povos e culturas, das quais o conhecimento sobre elas é insuficiente, pois estas ações podem levar a atitudes carregadas e preconceitos. Advertiu Allport (1971, p. 23), “No toda generalización excesiva es un prejuicio. Algunas son simplemente concepciones erróneas, en las que organizamos una información inadecuada”. A atenção e interpretação do ouvinte é extremamente importante para pressupor a fala do outro.

Indivíduos influenciados durante muito tempo pelos meios de comunicação em massa e atualmente, com o fácil acesso à internet e demais tecnologias, não é mais concebível que a generalização seja aceita como uma verdade absoluta vinda daqueles que a proferem. Às vezes, ela expressa falta de informação, falsas peculiaridades que nos fizeram acreditar serem únicas e, até mesmo, perpetuadas em meios onde o preconceito impera.

É neste cenário de manipulação que a comunicação linguística tem seu papel colaborador no processo de conservação de certos preconceitos. Muitos são repassados dentro de casa, do trabalho e, porque não, da escola.

O preconceito linguístico tem sua manifestação no preconceito social, a imagem do ser que se endossa este discurso se utiliza da linguagem, ignorando as variedades da língua, para desmerecer seu compatriota. Pensa que as regras rígidas da norma padrão sejam as leis que o autorizam a julgar e, em muitos casos, confunde a língua com a gramática.

O preconceito linguístico está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre *língua* e *gramática normativa*. Nossa tarefa mais urgente é desfazer essa confusão. (BAGNO, 2017, p. 9, grifos do autor)

É sobre ter consciência das diferenças entre a língua portuguesa e a sua gramática normativa que Bagno convoca os professores para desmitificar tais conceitos. Vários questionamentos surgem sobre o papel da escola e sobre o ensino de Língua Portuguesa, pois é sabido que para muitos, a escola é a única forma de acesso à norma padrão. Como a escola brasileira cumpre este papel? Tema para outro momento.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

No Brasil já foram identificadas inúmeras ocasiões onde a linguagem é motivo de taxação dentro e fora do país, na maioria das vezes, negativas. A população, no geral, não consegue ainda reconhecer esta forma de preconceito e, muito menos, combatê-la. Bagno (2017, p. 22) verificou que “O preconceito linguístico fica bastante claro numa série de afirmações que já fazem parte da imagem (negativa) que o brasileiro tem de si mesmo e da língua falada por aqui”, tais como errado, feio, burro, e por esse motivo, convoca os professores a desconstruir esta e outras formas de perpetuação no consciente popular.

O preconceito linguístico se baseia na crença de que só existe uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicada nas gramáticas e catalogada nos dicionários. Qualquer manifestação linguística que escape desse triângulo escola-gramática-dicionário é considerada, sob a ótica do preconceito linguístico, “errada, feia, estropiada, rudimentar, deficiente”, e não é raro a gente ouvir que “isso não é português”. (BAGNO, 2017, p.39)

Várias crenças colaboram para que o preconceito se perpetue. Todavia a mais comum é a de que a língua portuguesa é homogênea, é única, intocável. Essa língua falada no Brasil já teve muitas variedades identificadas, nem sempre respeitadas pelos próprios falantes que praticam a norma linguística de seu contexto, desconhecem todos os falares presentes no seu país. Apenas o grupo dos autointitulados “cultos” é que se preocupam em disseminar regras que beneficiam um determinado grupo social.

[...] o conceito técnico de que os grupos sociais se distinguem pelas formas de língua que lhes são de uso comum. Esse uso comum caracteriza o que se chama de norma linguística de determinado grupo. Assim, numa sociedade diversificada e estratificada como a brasileira, haverá inúmeras normas linguísticas, como, por exemplo, a norma característica de comunidades rurais tradicionais, aquela de comunidades rurais de determinada ascendência étnica, a norma característica de grupos juvenis urbanos, a(s) norma(s) característica(s) de populações das periferias urbanas, a norma informal da classe média urbana e assim por diante. (FARACO, 2002, p. 38)

A existência de uma norma padrão, seguida por uma população não padrão, causa segregação. Os diferentes estratos sociais se beneficiam de toda diversidade



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

conforme suas próprias necessidades concretas. Como diz o professor Faraco, a diversidade jamais será substituída pelo padrão, não se muda a história.

A norma padrão, enquanto realidade léxico-gramatical é um fenômeno relativamente abstrato: há em sua codificação, um processo de relativo apagamento de marcas dialetais muito salientes. É por aí que a norma padrão se torna uma referência supra-regional e transtemporal. ...o padrão não conseguirá jamais suplantar a diversidade, porque para isso, seria preciso o impossível (e o indesejável obviamente): homogeneizar a sociedade e a cultura e estancar o movimento e a história. (FARACO, 2002, p. 42)

O caso brasileiro é particularmente exemplar nesse sentido, em especial porque o padrão foi construído, na origem, de forma excessivamente artificial. A codificação que se fez aqui, na segunda metade do século XIX, não tomou a norma culta brasileira de então como referência. Bem ao contrário daquela “elite letrada conservadora se empenhou em fixar como nosso padrão um certo modelo lusitano de escrita, praticado por alguns escritores portugueses do Romantismo” (FARACO, 2002, p. 43).

### **Materiais e Métodos**

A metodologia aplicada neste trabalho respeita as etapas propostas por Kitchenham (2004) para a elaboração de revisão sistemática de literatura. São três os passos básicos para a obtenção dos resultados esperados, os quais se resumem em: (i) planejamento; (ii) condução/execução e (iii) escrita do relatório.

O planejamento consta basicamente da identificação da necessidade da revisão; da especificação das questões de pesquisa; da definição dos critérios de inclusão e exclusão; do desenvolvimento de um protocolo de revisão e da avaliação da revisão. A condução compõe-se da execução da pesquisa para a seleção dos estudos primários, extração dos dados e síntese (em formato de tabela). Por fim, há a necessidade do registro do relatório e a revisão dos dados.

A **figura 1** sintetiza os passos metodológicos desenvolvidos para a técnica de análise de produção científica conforme propõe Kitchenham (2004) em seu livro **Procedures for Performing Systematic Reviews – Procedimentos para Executar**



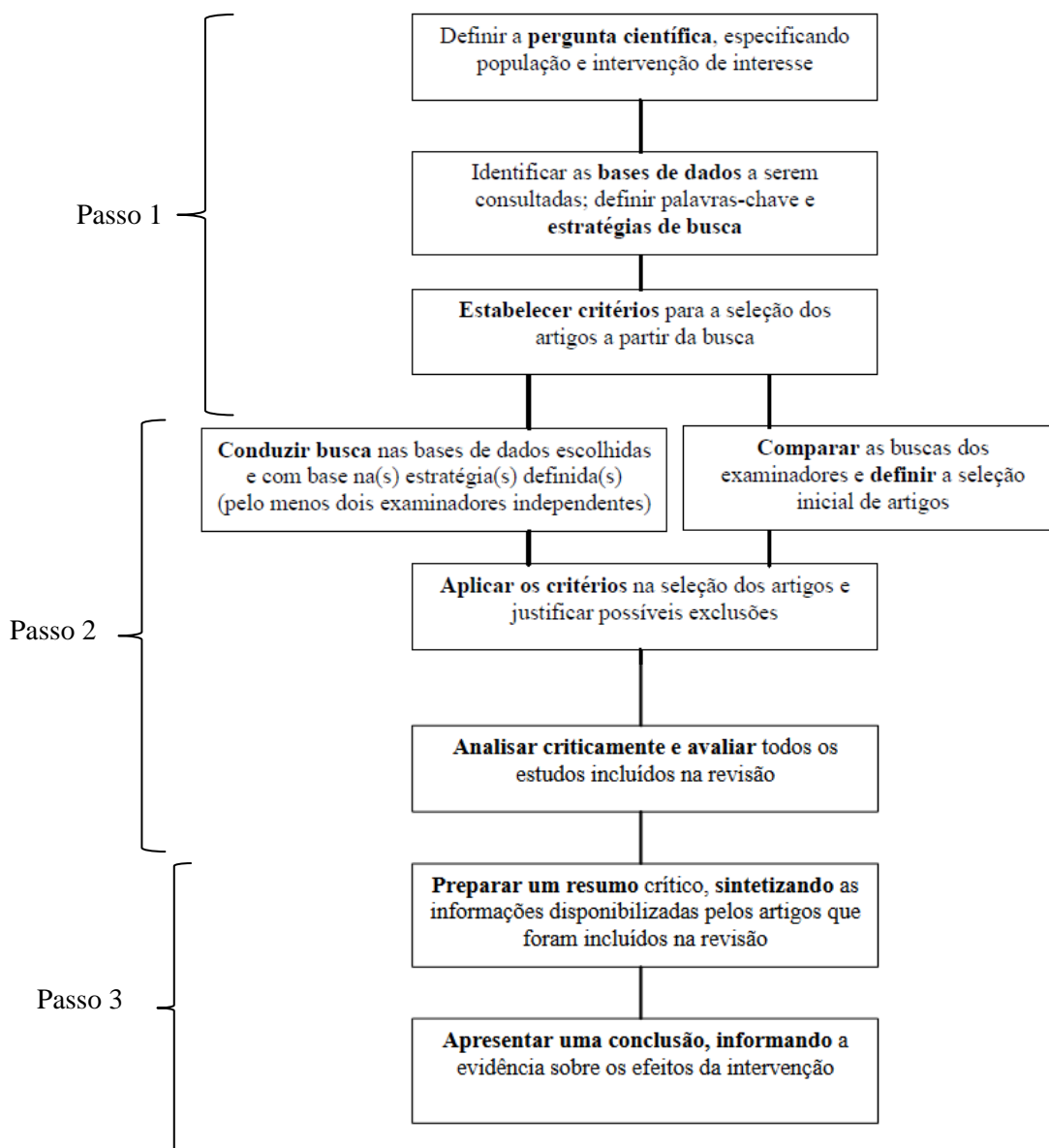


IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Revisões Sistemáticas. A figura descreve o processo geral para revisões sistemáticas de Literatura.

Figura 1 – Procedimentos para Executar Revisões Sistemáticas



Fonte: adaptado de SAMPAIO & MANCINI (2007)

Adequando-se ao objeto de estudo, o planejamento foi configurado a partir da questão norteadora: Quais são as contribuições acadêmicas sobre o tema preconceito



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguístico nos últimos dez anos?, seguido da revisão bibliográfica e a escolha dos banco de dados da CAPES.

A condução teve a seleção dos critérios entorno da palavra chave “preconceito linguístico”, leitura dos resumos das obras em português e extração dos dados em formato de tabela e quadro.

O terceiro passo segue com a escrita do relatório da revisão, se encontra disponível na seção dos Resultados e Discussão, juntamente com os dados extraídos.

### Resultados e Discussão

A **Tabela 1** mapeia o conteúdo sistematizado pela busca realizada no Banco de Teses e Dissertações da CAPES utilizando como palavra-chave “preconceito linguístico”, que permite observar os resultados.

**Tabela 1- Trabalhos – Teses e Dissertações da CAPES**

N.	Título do trabalho de pesquisa	Autor / Ano	Assunto	Prog. de Pesquisa
1	A Inefetividade do Acesso A Justiça Em Razão do <b>Preconceito linguístico</b> : Análise Crítica do JUS POSTULANDI no Estado Democrático de Direito.	PEREIRA, Ana Flávia Loyola Antunes. (2011)	Preconceito linguístico e justiça.	PUC Minas
2	<b>O Preconceito linguístico</b> no Ciberespaço: a Discriminação, os Agentes e as Especificidades.	MATOS, Debora Aparecida Furieri. (2015)	Preconceito linguístico e ciberespaço.	UFES
3	Variação Linguística, <b>Preconceito linguístico</b> e Bullying em uma Escola Estadual No Município de Sinop - MT	ALVES, Bianca Bruna. (2019)	Preconceito linguístico e bullying.	UEMG
4	Seje Menas’’: Um Estudo Sobre o <b>Preconceito linguístico</b> no Facebook	RADTKE, Natalia Giusti. (2017)	Preconceito linguístico e rede social.	UCPel
5	A Sociolinguística e o Ensino de Língua Portuguesa: uma Proposta para um Ensino Aprendizagem Livre de <b>Preconceitos</b>	MARTINS, Maridelma Laperuta. (2014)	Preconceito linguístico e ensino.	USP Araraquara
6	A Variação Linguística Em Sala de Aula: Uma Proposta de Intervenção Reflexiva Sobre o <b>Preconceito linguístico</b> João Pessoa-PB	ARAÚJO, Maria José Oliveira. (2014)	Preconceito linguístico e variação linguística.	UFPA
7	Linguagens a Aprendizagem da	MEDEIROS,	Preconceito	UFPA



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

	Matemática na EJA: Desafios, <b>Preconceito linguístico</b> e Exclusão	Robson André Barata de. (2010)	linguístico e exclusão.	
8	Linguagem e <b>Preconceito linguístico</b> : Narrativas de Recrutamento de Emprego	MELO, Magna Pereira de. (2016)	Preconceito linguístico e entrevista de emprego	UEMG Sul
9	Estudo de Crenças e <b>Preconceito linguístico</b> em Alunos do Sexto Ano De Uma Escola do Município de Paracambi (RJ)	TORRES, Fernanda Soares da Silva. (2014)	Preconceito linguístico e crenças linguísticas.	UERJ
10	Multilinguismo e <b>Preconceito</b> na Fronteira Porã: Um Estudo Sobre Atitudes e Crenças Linguísticas	FIAMENGUI, Ana Helena Rufo. (2017)	Preconceito linguístico e crenças linguísticas.	USP São José doRio Preto
11	A Tecnologia em Prol da Divulgação Científica: Criação de um Site Como Meio De Promoção da Circulação de Conhecimentos Sociolinguísticos e do Combate ao <b>Preconceito linguístico</b>	ANTUNES, Thayane Santos. (2015)	Combate ao preconceito linguístico.	UERJ
12	<b>Preconceito linguístico</b> , Variação e Ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica de Dourados/MS	DUARTE, Monique de Paula Maidana. (2016)	Preconceito linguístico e ensino.	UFMG
13	Discursos Midiáticos e <b>Preconceito linguístico</b> em Disputa pelo Dizer e Silenciar	VIVEIROS, Danielle Christiane da Silva. (2016)	Preconceito linguístico e mídia.	UFSCar
14	Líderes Negras Em Salvador: Fala e <b>Preconceito</b>	SANTOS, Janete Fernandes Suzart da Silva. (2015)	Preconceito linguístico e fala.	UNEB
15	A Escrita Da Mulher Trabalhadora Na Imprensa Operária Brasileira da República Velha: A Luta Contra o Enclausuramento e o <b>Preconceito linguístico</b>	BOENAVIDES, Debora Luciene Porto. (2018)	Preconceito linguístico e escrita.	UERJ
16	Linguagem, Educação e Poder Local: <b>Preconceito linguístico</b> e Desenvolvimento Urbano em Guajará- Mirim: A Fala Dos Discriminados	LOPES, Délia Maria Cardozo Figueira. (2011)	Preconceito linguístico e educação.	UFRO
17	<b>Preconceito linguístico</b> e Redação Do ENEM: Variações Linguísticas e As Competências Avaliadas	NIDECKER, Marietta Nunes. (2017)	Preconceito linguístico e escrita.	UERJ
18	<b>Preconceito linguístico</b> : Análise de Percepções de Professoras Nordestinas em Sinop-MT	MEDEIROS, Naildes Fernandes de. (2019)	Preconceito linguístico e fala.	UNEMAT
19	<b>Preconceito linguístico</b> : Estudo dos Livros Didáticos de Língua Portuguesa Utilizados nas Escolas do Campo no	MIYAKE, Salete Aparecida Franco. (2019)	Preconceito linguístico e livros didáticos.	TUIUTI



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

	Município de Tijucas do Sul			
20	Linguagem e <b>Preconceito</b> : Discutindo o Bullying nas Ambiências Escolares da Cidade De Panambi/RS	PAUTZ, Silvia. (2015)	Preconceito linguístico e bullying.	Univ. Cruz Alta

Fonte: a autora

Pereira (2011) analisa a falta de eficácia no acesso à justiça, uma vez que a adoção de um advogado seja facultativa, pode o preconceito linguístico causar danos no desenrolar do processo. Nestes casos, nota-se a dificuldade do jurisdicionado na condução do caso devido à sua linguagem estigmatizada dificultar o acesso a sua defesa.

Matos (2015) investiga o perfil de usuários do ciberespaço agentes de preconceito linguístico. Relaciona seus resultados a outro tipo de preconceito, o social. Afirma que os dois tipos estão ligados através de quatro fatores essenciais: sexo, gênero, idade e nível de escolaridade.

Alves (2019) discorre sobre uma pesquisa realizada em uma escola estadual sobre variação linguística, que leva ao preconceito linguístico e conseqüentemente, à prática do bullying no interior da instituição. Sugere formas de combate do bullying e ao preconceito, valorizando o ensino de Língua Portuguesa no tocante ao uso reflexivo e consciente da língua.

Radke (2017) estuda os efeitos de sentido da página “Português da depressão” através da interação dos usuários da rede social Facebook. Conclui que o preconceito linguístico está correlacionado a outros valores sociais, onde o baixo rendimento linguístico e o nível intelectual insuficiente, perpetuam o preconceito linguístico nas interações online.

Martins (2014) apresenta uma pesquisa inicial sobre crenças e atitudes linguísticas, a partir de pressupostos teóricos da Sociolinguística, cujo objetivo é investigar o preconceito linguístico como preconceito social. A escola assume o papel de trabalhar a consciência linguística no sentido de amenizar discursos e atitudes preconceituosas rente à linguagem.

Araújo (2014) promove uma reflexão sobre o que é adequado e não adequado no uso da linguagem por meio de uma pesquisa-ação. O objetivo é trabalhar a variação



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

linguística com ferramentas pedagógicas que combatam o preconceito linguístico, segundo a Sociolinguística Variacionista.

Medeiros (2010) investiga a interferência do preconceito linguístico no aprendizado da matemática com alunos da EJA. Constatou a existência de problemas envolvendo matemática e a variedade linguística utilizada pelos alunos pertencentes às camadas mais populares. Conclui que o acesso à linguagem dos conhecimentos matemáticos também é um problema social.

Melo (2016) descreve em sua pesquisa a importância dada à linguagem no momento de uma entrevista de emprego. Aborda casos de preconceito linguístico presentes nos processos de recrutamento e seleção de empregos. Questiona os recrutadores participantes se há uma linguagem ideal para ser utilizada pelos candidatos nas seleções e se, o seu não uso estaria levando à exclusão destes.

Fiamogui (2017) apresenta uma sequência de atividades para levar alunos à reflexões sobre suas próprias crenças linguísticas. Por meio deste trabalho, pode verificar que é possível diminuir as distâncias entre a teoria Sociolinguística e a prática pedagógica, no intuito de desenvolver capacidades reflexivas nos alunos.

Antunes (2015) descreve a criação de um site que disponibiliza materiais sobre preconceito linguístico, a fim de ampliar o acesso ao conhecimento científico, como vídeos, imagens e textos informativos. O site se mostrou eficiente e promissor na divulgação de conteúdos sociolinguísticos.

Duarte (2016) relata a opinião de docentes de Língua Portuguesa sobre a variação linguística. Entende que a formação em Sociolinguística promoveu maior consciência da rica variação linguística existente, mesmo assim alguns docentes mostraram comportamentos preconceituosos a se referirem à variação de sua própria língua.

Viveiros (2016) observa a necessidade de postura política em relação ao tema da variação linguística. Levanta uma questão linguística sobre a contribuição dos estudos da língua para equacionar a política linguística no Brasil. Analisa discursos midiáticos impressos como dispositivos de poder e saber.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Santos (2015), com base nos fundamentos da Sociolinguística Variacionista, analisa a relação entre língua e sociedade em bairros periféricos de Salvador (BA). A partir de um *corpus* composto por mulheres negras, a pesquisa seleciona as variáveis escolaridade, saliência fônica e número de elementos do sintagma para estudar a variação da concordância de número no sintagma nominal. Os resultados apresentados indicam que quanto mais escolaridade, mais saliência fônica e menos sintagmas, mais concordância foram evidenciadas.

Boenavides (2018) utiliza elementos da Sociolinguística Histórica para explorar a escrita da mulher trabalhadora na imprensa operária brasileira na República Velha. Por meio de uma seleção de cartas abertas, artigos de opinião e convites com estilos reivindicatórios e/ou argumentativos, a produção feminina da época em questão é marcada pelo uso da primeira pessoa do plural, porém nem sempre as mulheres se incluíam em seus próprios discursos mas tinham consciência de sua classe e de seu poder na luta contra as injustiças sobre a “questão a mulher”.

Lopes (2011), em sua dissertação de mestrado, faz uma sondagem sobre a fala dos discriminados em Guarajá-Mirim num estudo sobre linguagem, educação e poder local. Enfatiza o contraponto existente entre o preconceito linguístico e o desenvolvimento urbano.

Nidecker (2017) constata, através de uma análise qualitativa, que o preconceito linguístico se faz presente nas competências avaliadas nas provas de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Propõe uma reflexão sobre desigualdade, sociolinguística, currículo e gestão educacional a fim de expor a necessidade de políticas curriculares e educativas mais democráticas.

Medeiros (2019) investiga a história da formação da cidade de Sinop, onde se encontram muitos migrantes do sul do Brasil em contato com nativos e migrantes de outras regiões. Estuda o preconceito linguístico a partir da percepção de professoras nordestinas que trabalham na cidade. Constata existência de preconceito linguístico sofrido pelas professoras.

Miyake (2019) considera o livro didático um importante material de apoio ao ensino no campo. Entrevista professores que fizeram uso da “Coleção Novo Girassol:



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

saberes e fazeres do campo”, destinada aos quartos e quintos anos do Ensino Fundamental I e, assim, avalia a concepção do campo manifestada neles juntamente com as condições de abordagem linguisticamente preconceituosas que se pode inferir delas.

Pautz (2015) estuda como estudantes adolescentes de Panambi (RS) lidam com o bullying provocado pelo preconceito linguístico no ambiente escolar. Identificou alguns motivos e possíveis consequências dos constrangimentos causados pelas variações linguísticas utilizadas na escola, a fim de sugerir alternativas que possam amenizar tais práticas.

A seguir, serão apresentados os artigos e periódicos encontrados no banco de dados da CAPES, como forma de continuidade aos dados apresentados pela Tabela 1.

O **Quadro 1** traz a síntese do tema pesquisado e selecionado pela relevância do título e assessorado pela leitura dos resumos que abordam formas de preconceito linguístico.

**Quadro 1 – Artigos e Periódicos da CAPES**

N.	Base de dados	Ano/Ed.	Instituição	Qualis/ISSN	Autor(es)	Nome do trabalho	Assunto
1	Revista Observatório	2017, vol.3	UFTO	B5	LAPERUTA-MARTINS, Maridelma.	<b>Preconceito Linguístico:</b> Origem na Sociedade; Término na Escola.	Preconceito linguístico e sociedade.
2	Vozes e Diálogo	2014, vol 13	UNIVAL I	ISSN: 2237-4531	PELINSON, Fabiana; SILVA, Anderson Lopes da; RIBEIRO, Regiane Regina	Usos dialetais, estereótipos e <b>preconceito linguístico</b> na telenovela “Flor do Caribe”.	Preconceito linguístico e telenovela.
3	Roteiro	2010, Vol. 32, n.2	UNOES C	A2	FACIN, Débora; SPESSATTO, Marizete Bortolanza	O <b>preconceito linguístico</b> em textos de humor: uma piada sem graça.	Preconceito linguístico e humor.
4	Tabuleiro de Letras	2018, vol. 12	UNEB	B3	ARAÚJO, Silvana Silva de Farias; SOUSA, Nilton Carlos Carmo	A história social do português do Brasil e o <b>preconceito linguístico.</b>	Preconceito linguístico e história.
5	Research, Society and Development	2018, vol.8	Univ. Federal de	B2	VIANA, Karen Bernardo; MONTEIRO	As mordças da gramática normativa: o <b>preconceito linguístico.</b>	Preconceito linguístico e gramática.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

			Itajubá		Aldayr Oliveira; JUCÁ, Sandro Cesar Silveira; SILVA, Solonildo Almeida da,		
6	Trabalhos em Linguística Aplicada	2016, Vol.5 5	UNICA MP	A1	BEZERRA, Benedito Gomes; PIMENTEL, Renato Lira	Normativismo Linguístico em Redes Sociais Digitais: uma Análise da Fanpage Língua Portuguesa no Facebook	Preconceito linguístico e redes sociais.
7	Revista de Linguística	2014, Vol.5 8	UNESP	A1	SILVA, Hélen Cristina da ; AGUILERA, Vanderci de Andrade	O Poder de uma Diferença: um Estudo Sobre Crenças e Atitudes Linguísticas	Preconceito linguístico, crenças e atitudes.
8	Trivium - Estudos Interdisciplinares	2015, Vol.7	PePSIC	B2	GOMES, Camilla Aragão; GOMES, Ana Paula Quadros	A Atitude Linguística Na Imprensa: Crença, Ideologia e <b>Preconceito</b> Na Reação de Repúdio A um Livro Didático	Preconceito linguístico e atitude.
9	Revista Digital de Políticas Lingüísticas	2014	UNC	ISSN 1678-8931	MONTEIRO, María Iolanda; MIGUEL, Carolina Costa; BRUNHEROTTI, Marina; SANTOS, Fernanda V. S.; ARTUSSA, Lucimara	Varição Linguística No Contexto Escolar: Uma Proposta de Formação Profissional Para o Processo De Alfabetização	Preconceito linguístico e alfabetização.
10	Revista Exitus	2018, vol.8	UFOPA	ISSN 2236-2983	CHAIBE, Maria Eduarda Dos Santos ; FERREIRA, Ediene Pena	A Variação Linguística Na Educação Contemporânea: Concepções e Práticas Pedagógicas	Preconceito linguístico e práticas pedagógicas.

Fonte: autora

Laperuta-Martins (2017) relaciona o preconceito linguístico à educação. Afirma que por meio da escola o problema pode ser combatido. Propõe discussões com professores e alunos da Educação Básica sobre variação e preconceito linguístico a fim de conscientizar a respeito do tema.

Pelinson, Silva e Ribeiro (2014) apresentam uma análise sobre a fala de dois personagens da telenovela “Flor do Caribe” pois consideram seus usos dialetais





IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

estereotipados. Apontam evidências na trama onde o preconceito linguístico está presente. Considera o estereótipo como um mecanismo de atalho à diversidade cultural.

Facin e Spessato (2010) utilizam a Sociolinguística e a Análise do Discurso para apontar a presença de preconceito linguístico em textos de humor. Identifica os principais preconceitos que emergem de enunciados das piadas e os revela como um forte mecanismo de preconceito social.

Araújo e Sousa (2018) investiga questões sócio-históricas do português brasileiro, como contatos linguísticos e processos de urbanização e escolarização. Acredita que o preconceito linguístico tenha raízes sociais. Explica que alunos de condições menos favorecidas não tem sua variedade reconhecida na escola e, praticamente, tem que aprender uma nova língua.

Viana, Monteiro, Jucá e Silva (2018) refletem sobre a existência de uma gramática normativa e a presença do preconceito linguístico. Mostra como a escrita tem um espaço privilegiado. Reflete língua e discursos a partir de um sistema sógnico usado pelos falantes.

Bezerra e Pimentel (2016) exploram a escrita que circula em redes sociais que são estigmatizadas por instâncias reguladoras dos usos da língua portuguesa, a partir da autoexposição dos usuários. Busca compreender as práticas discursivas no ambiente virtual. Investiga peculiaridades do normativismo linguístico postados, comentados e curtidos em páginas do Facebook.

Silva e Aguilera (2014) analisam crenças e atitudes linguísticas de falantes de duas cidades do Paraná: Londrina e Pitanga. Comprovaram a presença de preconceito linguístico ao confrontar as opiniões de indivíduos destas duas localidades sobre seu falar e o falar do outro, este manifestou-se no subdialeto pitanguense e sustenta-se por coerções sociais entre as cidades.

Gomes e Gomes (2015) avalia o discurso de repúdio ao livro didático “Por uma Vida Melhor”, adotado pela imprensa brasileira, ao ser distribuído ao programa de Educação de Jovens e Adultos (EJA) em 2011. Adotam postura negativa com relação à presença de preconceito linguístico supostamente apontado pela opinião pública.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Monteiro, Miguel, Bunherott, Santos e Artussa (2015) relacionam o estudo das variações linguísticas na alfabetização. Propõem uma formação profissional para amenizar os efeitos do preconceito linguístico e da discriminação relativos aos usos sociais da linguagem com o intuito de evitar a exclusão social.

Chaibe e Ferreira (2018) divulgam a posição adotada pela Linguística brasileira frente à variação linguística no ensino da Língua Portuguesa e a orientação dada por pesquisadores e especialistas na área nos últimos 20 anos. Encontraram contradições entre os linguistas quanto à concepção de língua. Informam que os pesquisadores orientam o ensino a partir da reflexão dos alunos às variedades como forma de combate ao preconceito linguístico, levando-os a possibilidade de escolhas entre as praticadas pelos próprios falantes.

### **Considerações Finais**

O preconceito, no ambiente escolar, tem várias faces. Uma delas é o preconceito linguístico, motivo que leva a muitos professores a buscar literatura para saber como agir em determinadas situações. Apesar de ser um assunto recente abordado pela Linguística, quais são os materiais mais recentes produzidos pela academia.

A escolha do método de revisão sistemática da literatura foi eleita, propositalmente, para garantir a evidência científica deste. Portanto, temos um panorama da produção acadêmica dos últimos dez anos sobre o tema.

Das teses e dissertações encontradas no banco de dados da CAPES, observamos que os 20 trabalhos tratam do preconceito linguístico como uma forma de preconceito social, abordam a variação linguística pelo viés da Sociolinguística como o caminho para o entendimento de sua existência.

Dos artigos e periódicos publicados disponíveis no banco de dados da CAPES, os dez itens trazem análises de objetos estudados também voltados à área educacional, ancorados nas teorias da Sociolinguística para retratar como o fenômeno ocorre na sociedade em geral e, muitas vezes, passam despercebidos por haver um comportamento social que favorecem a divulgação de crenças e/ou atitudes negativas relativas à linguagem.



IΦ-Sophia

Revista eletrônica de investigação filosófica, científica e tecnológica

Por fim, uma reflexão é dada aos professores de línguas. A pouca quantidade de material produzido sobre o preconceito linguístico não deixa de cobrar uma postura do profissional frente ao problema, repensar a prática pedagógica. É preciso conhecer, discutir e quando possível, combater com determinação.

### Referências

- ALLPORT, W. Gordon. **La naturaleza del prejuicio**. Buenos Aires: Editorial Universidade de Buenos Aires, 1971.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico – o que é, como se faz**. 49 ed. Loyola: São Paulo, 2007.
- FARACO, C. A. Norma padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (org) **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002. P. 37-61.
- LÓPEZ MORALES, H. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos, 1993.
- SAMPAIO, R.F.; MANCINI, M.C. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. In: **Revista Brasileira de fisioterapia**. v. 11, n.1, São Carlos, 2007.
- KITCHENHAM, B. A. **Procedures for Performing Systematic Reviews**. Tech. Report TR/SE-0401, Keele University, 2004.

Recebido em: 29/09/2020

Aprovado em: 04/12/2020

Publicado em: 28/12/2020